


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

África

● Trago ainda nos meus olhos aquela soberba imagem de Luanda, espelhada na sua baía. Ontem o luar não tinha sombra nem roubava brilho ao reflexo das outras luzes. Os quatro Padres em África encontravamo-nos ali. E agora, com alguns dos nossos Rapazes radicados ou de passagem na tropa, fazíamos o convívio da despedida.

A «Casa» da Ilha! Aquela «mossa» casa, que a bondade dos donos tem sempre à disposição do nosso bem-estar, com sacrifício, às vezes, do seu próprio uso e outros requintes da sua grande amizade!

Felizes os pobres que confiam! Não tendo nada de seu, na hora própria têm tudo de que necessitam!

«Felizes os Pobres em espírito» — os que possuindo não se deixam possuir pelo objecto da sua posse; antes lhe renovam a frescura, lhe redescobrem um sabor sempre mais subtil em cada vez que o partilham! «Destes é o Reino de Deus.» Estes são os obreiros da Paz.» Felizes e portadores de felicidade!

A «Casa» da Ilha! O seu segredo de Paz!

● De uma vez, ao desembarcar em Luanda, encontrei no aeroporto um Responsável pela coisa-pública.

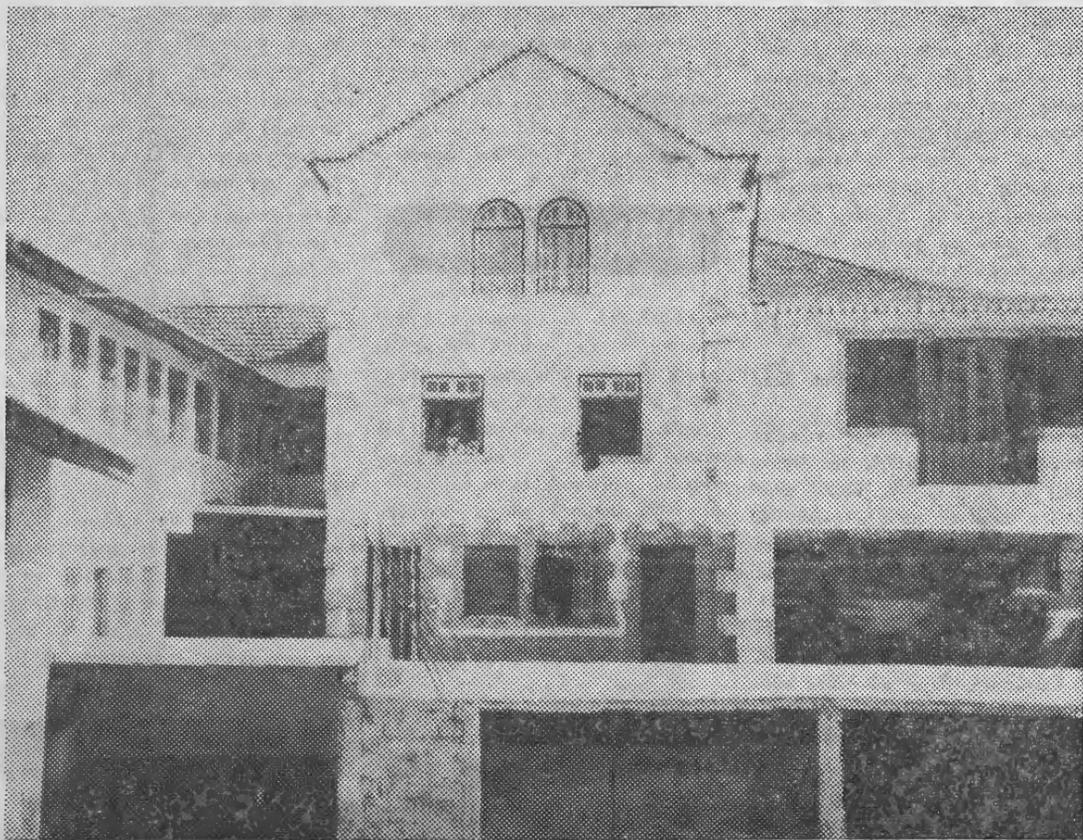
Falámo-nos. «Que Escolas lindas vocês fazem!» — me disse ele de chofre, ao desabafar sua impressão do que vira recentemente em uma das nossas Casas de Angola. «Quem me dera poder fazer assim! Tenho uma migalhinha reservada para elas este ano. E para o ano guardarei outra.»

Não é o dinheiro — é a compreensão, o interesse, o gosto! Nós não andamos à cata do dinheiro, mas de quem nos entenda e nos ame! Quando assim, o resto vem por acréscimo. Mas não um resto frio, materializado. Pode ser até uma migalhinha, mas traz gosto de amor e fermento de multiplicação!

Foi assim, naquele tempo com Duarte Pacheco. Foi assim aquela vez com Pinheiro da Silva. Tem sido assim algumas vezes mais com alguns outros... Porque não há-de ser sempre assim?!

● O ensino — quanto mais primário, mais! — é um sacerdócio. Sem espírito, sem dedicação, sem estabilidade, sem sacrifício, o professor, mesmo que ensine, não educa. E até, quase sempre, não ensina!

Continua na QUARTA página



Miranda do Corvo: na casa-mãe os mais pequeninos também já têm seus aposentos.

Tribuna de Coimbra

O correio trouxe uma carta de pessoa inquieta com a sorte dos outros a relatar a vida de dois pequenos, filhos de pai solteiro e mãe incógnita. (Antes de andar nesta vida eu não acreditaria que isto fosse possível; hoje acredito em tudo!) O Pai é doente dos pulmões e tem estado inter-nado. Vive de esmolas. «Tem mais filhos e uma das filhas vendeu-a a saltimbancos. Os dois pequenos, um de nove e outro de doze anos, andam na segunda classe e são dois grandes vadios. É a maior miséria que se pode imaginar.»

Aceitámos o mais pequeno, na impossibilidade de momento aceitarmos o mais velho. Tem olhos tristes e cara de alcoólico. Faminto de carinho é desconfiado. Mostrando-se esquivo procura atenções. Fica estranho quando lhe dou um beijo, mas depois fita-me os olhos a sorrir.

* * *

O mesmo correio trouxe os jornais do dia. Vinha a notícia de uma festa familiar. Uma família rica tinha feito uma festa, no seu palácio, para apresentar a filha. Tinham vindo convidados da mais fina sociedade, de longe e de perto. Tudo gente muito importante. Depois do banquete foi o baile de gala até tarde. Ambiente requintado de esplendor.

Vinha a lista dos convidados. Disseram-nos que a família gastou dois mil contos com a festa. E quanto gastaram os convidados?

* * *

Fiquei muito triste. Senti-me revoltado. Ando carregado de filhos e tenho de mendigar para os criar. Estas duas mensagens daquele dia deixaram-me a mesma impressão de miséria!

Padre Horácio

Engenheiro Duarte Pacheco

Fez trinta anos — dia 16 passado — que o Senhor lhe marcou o encontro definitivo numa estrada de Portugal.

Há outros tantos foi elaborado o projecto da nossa Aldeia de Paço de Sousa, mãe e modelo das que viriam depois. E desde logo, no original, ficou inscrito o seu nome a designar a avenida que do portão conduz ao centro do pequenino povoado, aonde a Capela e o Cruzeiro. Porquê?... Porquê o nome de um Homem público numa Obra que inteiramente se funda e somente adora o Santíssimo Nome de Jesus, «Único a que é devido dobrar todo o joelho no Céu e na Terra»?!

Deixemos Pai Américo dizer, em palavra escrita quatro anos depois:

«No dia dezasseis de Novembro, celebrámos na Capela da nossa Aldeia por alma do Engenheiro Duarte Pacheco. Mais do que simples memória, foi um acto de justiça.

Ora recordemos: Tinham-me dado em Paço de Sousa uma quinta arruinada, aonde se havia de levantar o que hoje ali se vê. Era o mês de Março de 1943. Eu precisava de dinheiro. De muito dinheiro. Fui por aí abaixo procurar o Ministro das Obras Públicas. Não levava cartas. Nunca o tinha visto. E, das obras a fazer, nem sequer um simples traço. Levava a ideia e, com ela, uma grande paixão. Falei dez minutos apaixonados. As palavras eram catadupas.

— Trezentos contos, senhor Ministro!

— Sim. Quer levar já o dinheiro?

Não esperava tanto. Não ia prevenido. Sabia vagamente que os dinheiros públicos estão sujeitos a prestação de contas. Hesitei.

— Senhor Ministro, eu não posso prestar contas.

— Nem deve, disse. Isto é uma esmola do Governo. Vá. Trabalhe e continue a pedir.

Isto me disse o Ministro — e isto escreveu:

O alto interesse social da obra justifica, de sobejo, a ajuda do Estado. Por

Continua na TERCEIRA página

PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

DAR AS MÃOS — Nas nossas horas de luta e contradição, especialmente quando sentimos em nós a incapacidade de trilhar com mais segurança os caminhos do Pai, quando as dificuldades aparecem, quando tudo parece superior às nossas forças, aparecem-nos pequenos nadas. Mas que representam muito. Embora nos habituemos a coisas que, por isso, se tornem vulgares mas sem perder o verdadeiro sentido.

Pessoas que na ocasião estavam comigo viram um pequeno grupo de Irmãos no-sos a descerem as escadas do Espigueiro do Pão Vivo e neles fixaram a sua atenção. Quase todos amparando-se mutuamente.

Nesse dar as mãos desceram duas Doentes novas.

Uma Cega (vítima de carências alimentares) cuja história em devido tempo foi contada em vários tons. Vinha a amparar quem a guiava. É outra que foi apresentada aos amigos leitores na devida ocasião. Uma com andar incerto, outra às apalpadelas, conseguiram descer as escadas da Capela. Isto acontece todos os dias, no Calvário. Ai se não fôra este dar as mãos!...

Há necessidade de darmos as mãos. Se assim fôsse o nosso mundo seria diferente.

O dar as mãos transcende estes gestos. Por serem simples, será, por isso, que pessoas sãs de corpo e espírito procuram fazer precisamente o contrário?!

Não pretendo ser moralista, mas apetecia-me dizer mais... Acharmos melhor darmos as mãos de forma concreta e eficaz para não cairmos!

ÁGUA — Graças às medidas tomadas em devida ocasião não nos faltou a água no Verão passado. Até as próprias áreas ajardinadas não passaram tanta sede. Mas... de vez em quando surgem problemas. O último foram uns canos que não deixavam passar a dita, durante quase dois dias e já se ouviam as frases que eram costumeiras: «Que grande chatice, isto estar sem água!» Mas era uma grande chatice para quem dizia ter de andar a caminhar para a piscina recorrendo à bica que continuamente corre, até transbordar. Que boa que é! Felizmente tudo se remediou apesar das escavações terem sido feitas. Mas houve recomendação para não se deixarem as valas abertas!...

TRABALHO — As bolotas estão a acabar, embora a Maria Alice procure com as mãos o que os olhos não vêem. Lá anda o João, Edmaro, sr. Jorge e outros, poucos, Doentes a pôr a folha na nitreira.

FRIO — Começou a querer vir o frio. A nova forma de aquecimento já hoje esteve a trabalhar. Esperamos que não escasseiem os meios para

haver um pouco de calor no meio destes Irmãos.

SENHORA AMÁLIA — No dia de todos os Santos foi para a última morada (no Campo Santo) a nossa irmã Amália. Tem muito significado para nós, pois trata-se de mais uma luz junto da LUZ. A sra. Amália foi, em tempos, paroquiana de um dos Padres da Obra. Que o Pai a tenha junto de Si. E ela interceda por todos nós.

Manuel Simões

MIRANDA DO CORVO

AZEITONA — Temos este ano pouca. Há dias ventou muito; da pouca que as oliveiras têm muita caiu por estar toda gafada. Dois grupos dos mais pequenos (um de manhã que tem como chefe o Francisquito e outro de tarde cujo chefe é o «Chapelinho») têm-na recolhido. Na nossa «casa da eira» temos já a passar de um moínho. Ainda que não tenhamos muito azeite contamos ter quase que chegue para as necessidades do ano.

SEMENTEIRAS — Várias das nossas terras verdejam. Na terra do «Ti Jaime», que é nossa mas assim conhecida por lhe ter pertencido, depois duma colheita de mais de 300 arrobas de batata tem aveia e cevada semeadas e ainda nabos no meio; estes pouco se vêem devido à erva estar tão crescida. É um campo verde escuro dividido em leiras por fiadas de couves altas. A «terra nova» e a do «poço novo» são ainda uma grande extensão dum verde claro; a erva ainda está pequena, mas crescerá e faremos pasto para sustentar todo o nosso gado no inverno que se aproxima. E por falar em...

GADO — As poçilgas estão cheias. Há mais que um hóspede em cada compartimento. Alguns têm cinco; outros encontram-se famílias inteiras, com excepção do pai. Presentemente temos três dessas famílias. Num dos currais são onze filhos, noutro sete e noutro seis, todos com as respectivas mães. E o pai? Esse encontra-se sozinho, ocupando dois currais por não caber apenas num. É uma

montanha de carne ambulante e muito mansinho.

No compartimento dos bois estão: Uma junta; são enormes e de grande proveito no trabalho agrícola. Três vacas de que só duas nos fornecem leite e que pela sua composição é o mais rico alimento; a outra é ainda muito novinha. Num outro compartimento chamado, cá em Casa, a «Maternidade» (não é difícil adivinhar porquê) encontra-se uma vaquinha de meses e um touro que por não haver segurança nele noutro local teve que ser levado para ali.

Os compartimentos que agora vou citar chamam-se capoeiras e estão divididos em três partes. Numa estão pintos de carne que se há-de comer logo que estejam crescidos; noutra encontra-se grande quantidade de frangas poedeiras que trazem os tratadores quase desesperados porque haviam de ter começado a pôr e não há meio de um deles encontrar lá o primeiro ovo; no outro encontram-se as veteranas da casa e que há dias, quando íamos para começar a matá-las (para com a sua carne, talvez um pouco dura, nos alimentarmos) começaram a pôr de novo

ovos retardando assim o seu dia final. Faz pensar...

Lita

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — O caso revelado em números anteriores desperta os nossos amigos. Graças a Deus!

Rol de presenças desta quinzena: Rua Nove de Julho, Porto, 100\$00 como «fruto duma renúncia». Em vale do correio, 300\$00, da Covilhã, «para ajuda do trabalhador rural, falado no penúltimo «O Gaiato». Presenças de M. A. M., de Lisboa. Assinante n.º 18112, do Barreiro, com um vale do correio. Carcavelos, 50\$00 e «logo que me seja possível irá outro tanto». Esperamos. No Espelho da Moda, metade, da Rua da Vilarinha, Porto. De Algés, outro vale dos CTT, «para ajudar a vossa Conferência em dificuldades». Fânzeres com 100\$00, do assinante 23259, «por intenção e sufrágio da alma do meu cunhado». A melhor oração! Mais 70\$00 de Maria

Elisa, do Porto: «Tenho 78 anos, velha e pobre (de dinheiro)... É o Óbulo da Viúva! Com discreção, muito cristã, 40\$00 de Valadares, Gaia. Mais uma renúncia: de Braga 70\$00 dum «reformado com poucos recursos», que friza: «pela minha vida passada, até à presente, sofri do mesmo caso concreto do trabalhador rural, sem benefícios». Segue uma distinta Alentejana que «envia com o maior gosto este cheque para pagarem a vossa dívida, mas pede não publiquem o seu nome». A delicadeza das almas grandes! E fechamos com Torres Novas:

«Eu não gostava de mandar 20\$00, por achar pouco. Começava a juntar para mandar 50\$00 ou 100\$00. Acontece que não podia logo mandar e acabava por me fazer falta e gastá-lo; não mandava nenhum! Mas meu marido disse-me: «Porque não mandas tu 20\$00 de cada vez, que não se dá pela falta e sempre mandas alguma coisa?». É pouco, mas de boa vontade e com amizade e estima...»

Procissão de renúncias. Renúncias cristãs!

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

Ass. 16264, de Braga, com importâncias várias, divididas por esta Casa e Calvário. 1.000\$ do Porto, migalhas recolhidas na caixa-mealheiro, que se encontra no átrio do Teatro Sá da Bandeira, somaram 9.891\$40. Da Foz, um cheque de 5.000\$. Lisboa com 500\$. Maria Teresa com 200\$. Luisa Maria com roupas. 20\$ de Braga. Rosa com 100\$. Ass. 29780 com 50\$. De Bairro, peças de pano, recordando o dia 6/11/931. Uma magnífica máquina fotográfica e pertences, vinda de Viana do Castelo. «Obra de Deus, para os Pobres», com três presenças de 40\$. E de Valadares, com o

silêncio de sempre, 120\$ e 300\$.

Agasalhos e calçado, de Ervedosa do Douro. R. Alferes Malheiro, 120\$. «Por alma de Manuel», 150\$. Do Colégio de Santa Joana, 100\$. Do Pessoal da Fábrica de Malhas Marão, na visita anual, 2.850\$ e assinaturas pagas. Amélia Bentes com 500\$. Anónimo, à porta do Lar do Porto, com 10.000\$. Vestuário vário, do Porto, Paço de Arcos, Parede, Lisboa, Gondomar e Figueira da Foz. Mais 500\$ do Porto. E as presenças de sempre, da Amadora, com 100\$ em selos de correio. 500\$ de Pardelhas, «Para o que mais precisarem», 500\$ de Gaia. «Para um Batatinha, com muito carinho, envio uns calções de banho». O Rui Manuel de 14 anos, enviou-nos 60\$, achados no interior dum porta-moedas, enterrado na areia.

«Uma Mãe e duas filhas» com 300\$. Por alma de Maria Augusta, 60\$. Ass. 25616, com roupas. Lãs várias, da Covilhã. Da amiga do Henrique, 195\$. Cheque de 1.000\$, de quem promete fazer igual remessa todos os meses. 50\$ de Lisboa. «Das minhas economias e por alma do meu falecido Pai», 1.500\$. Com vários fins, 1.700\$ de Oliveira do Douro. «Avó de Coimbra», com 20\$. Anónima das Antas, com 100\$. De Manuel Augusto, 1.000\$. Amigos do Bairro da Pasteleira, com 250\$. De Maria da Conceição, 50\$. Clara e José Flores, com 60\$ mensais. De «Uma

portuense qualquer», em acção de graças, 200\$ e 150\$. Presenças múltiplas e várias, chegadas por intermédio do Espelho da Moda.

Amiga e admiradora da Obra da Rua, com 500\$. Por alma de Mário Soares Marques, 1.200\$. Do Porto, 100\$. Cheque de 1.500\$. Cá vai a Avó de Sintra, com 50\$ por duas vezes. Anónima da Murtosa, com 1.000\$. Esperança com 20\$. Mais 120\$ de Aveiro. Por alma de dois Josés, 100\$. Mariana com 500\$. Assinante de Rio Tinto, com a mensalidade de 100\$. Mais 100\$, «para a maior necessidade». Vale de correio, na importância de 590\$, oferta das Crianças da Catequese de S. João das Lampas. Bem hajam, pela vossa simpatia. De alguém da Companhia de Seguros Tranquilidade, de Lisboa, cheque de 200\$. E 500\$ do Porto. Dois irmãozitos, de 7 e 9 anos, de Avintes, enviaram-nos 50\$. Como nos alegrem as ofertas dos mais pequenos!!

Um cheque de 1.800\$, «é um pouquinho dos nossos ordenados». Veio de um casal anónimo, da Foz. 200\$ do Largo do Tabelaio. Ass. 7476 com 500\$. De Estarreja, 50\$. Artur Rodrigues com 50\$. Maria Adelaide, de Lourenço Marques, 3.200\$. Malaças com roupas, de «uma Avózinha». E 1.000\$ de Lisboa.

Manuel Pinto



Uma Carta

«Para renovação da minha assinatura do «Famoso», por mais um ano — o 25.º consecutivo, e com isso me alegre — venho entregar-lhes a importância que junto encontrarão. O que sobrar — desculpem a pretensão — terá o destino que melhor entenderem.

Não será por certo façanha extraordinária — devo encontrar-me em muita boa companhia — mas não posso, realmente, esconder o meu contentamento por esse facto e não posso, do mesmo modo, deixar de manifestar toda a minha gratidão pela visita, sempre desejada e constante, de um dedicado e velho AMIGO (velho e sempre novo «O Gaiato»).

Um «namoro» de 25 anos, que muito farei por manter e continuar até quando for possível.

A todos abraço com amizade, sinceramente grato...»

Gaiato

Património dos Pobres

Os Vicentinos daquela terra andam empenhados em promover os Irmãos pobres. Alguém, filho de lá, deixou-lhes duzentos contos. Também uma senhora conterrânea testou quase tudo para o Património dos Pobres.

A primeira ideia foi construir um bairro a perpetuar a memória de quem deixou. Pedras mortas a desafiar os vivos! Nós somos uns apaixonados por coisas mortas e pelas vaidades do mundo!

Ainda bem que o bairro não pode ser. A missão de caridade é tratar dos vivos. Aos que morrem as suas obras os acompanham. Aquilo que deixaram, por amor, segue-os e é testemunha junto do Pai Celeste.

Os Vicentinos chamaram por nós e estão a organizar um plano de actividades. Ajudar os Irmãos pobres nos seus empreendimentos e aflições.

Uma viúva nova e com filhos necessita de um poço para regar o quintal.

Uma família, com filhos pequeninos, vai-lhe ser demolida a casa e ele promete construir outra se lhe derem materiais.

Uma prostituta, que faz má vizinhança, alugou um terreno e já levantou parte das paredes da sua casinha. «A pobre mulher está escavacada e já ninguém olha para ela.» Tem cinco filhos, mas foram-lhe

todos retirados. Pelo sítio ermo em que a casa está a ser erguida a Conferência resolveu (e bem, em nosso entender) não ajudar, pois seria motivo de ajuntamento de «cães» e «gatos». Há tempos, alguém dizia àquela mulher que tivesse juízo pois já tinha muitos filhos e ela logo respondeu: «Sou melhor que as outras que os não querem». Que pena não a podermos ajudar!

Um dos bairros — o da Alegria — não tem ruas, nem luz, nem água, nem esgotos, nem vida decente. Os pobres casebres estão em terreno alheio; não têm janelas, nem rebocos, nem dimensões. Grupos de crianças sujas e semi-nuas. Bandos de pombas nos telhados. No palheiro de um dos pátios uma vitela, um cão, um porco, ninhadas de pintos, galinhas, batatas e abóboras e a nossa graça de vermos tudo à mistura.

Ali mesmo fizemos um acto de fé e de confiança. A fé e a confiança hão-de levar-nos ao amor. Em vez de construir e entregarmos é mais justo e cristão, ajudar os Irmãos a aproveitar o que eles próprios fizeram: Urbanizar, dividir, aumentar, dar ar e luz, assoalhar e forrar, rebocar e caiar, fornecer materiais para currais e pombais, dar escola e catequese às crianças, ensinar às mães a ordem e limpeza domésticas, prender o pai à família.

Os Vicentinos prometeram dar mais voltas pela região. Vão ver as famílias com casas sem divisões suficientes, sem quarto de banho, sem chaminé. Têm vontade de ajudar a resolver. Querem aproveitar os valores que já há, valores materiais e morais, e torná-los mais humanos e mais cristãos. É trabalho Vicentino e tem o espírito que levou Pai Américo a lançar o pregão **Património dos Pobres**.

Padre Horácio

Engenheiro Duarte Pacheco

Cont. da PRIMEIRA página

isso a concedo, dispensando formalidades que embarcem uma acção inspirada apenas

Senhor lhe marcou o encontro definitivo numa estrada de Portugal. Treze anos mais tarde, escolheria também um dia 16 e outra estrada de Portugal

para Se encontrar definitivamente com o homem que, «precisado de dinheiro, de muito dinheiro, foi por aí abaixo, em Março de 1943, procurar o Ministro das Obras Públicas, sem cartas, sem nunca o ter visto», sem lhe gastar sequer, muito tempo: «Falei dez minutos apaixonados. As palavras eram catadupas!» Dez minutos!... Foi um momento histórico!

Dia 16 e dia 16... É uma coincidência que, de si mesma, não importa muito, mas que nos sensibiliza para a Esperança de que a misericórdia de Deus os terá encontrado para sempre.

Há trinta anos que a avenida da nossa Aldeia de Paço de Sousa se chamava de Duarte Pacheco. Desde o derradeiro dia 16 uma pedra singela diz que sim. «Mais do que simples memória, é um acto de justiça.»



em ideais de bondosa e pura solidariedade humana.»

Nós não sabemos se Duarte Pacheco veria para além da «bondosa e pura solidariedade humana» — Lá onde era a meta que Pai Américo perseguia: «Vale mais a alma do que o corpo. Por ela, pela alma dos nossos Rapazes, sangrem os padres até ao fim!» Mas que não visse! Que uma Fé mais alta lhe não desse o ver! Que a sua posição de homem do Governo o fixasse apenas n' «o alto interesse social da Obra», que «justificava, de sobejo, a ajuda do Estado!» Ainda assim foi um acto maravilhoso de fé humana nesta terra de desconfiados! Uma intuição extraordinária da capacidade realizadora do homem que tinha em frente e lhe «levava uma ideia e, com ela, uma grande paixão!» Um gesto audaz de um zeloso administrador da coisa-pública, habituado a despachar sobre projectos instruídos por exaustivas memórias descritivas e justificativas, que ali decidiu imediatamente à revelação de uma ideia, iluminada por «uma grande paixão», não ilustrada «sequer, com um simples traço!» Uma façanha inaudita neste país de burocratas, «dispensando formalidades que embarcem uma acção inspirada apenas em ideais de bondosa e pura solidariedade humana!»

Duarte Pacheco fez grandes coisas. Não terá sido esta das menores. Decerto o não foi diante de Deus!

Num 16 de Novembro o



Já aqui falámos uma vez no valor da acção, como definidora do carácter e maneira de ser dos homens. Levantaram-se então algumas críticas por havermos desprezado tanto a importância da palavra. Uma interpretação desta ordem só poderá significar ambiguidade do artigo ou incompreensão por parte de quem a fez.

«Palavras leva-as o vento; a acção é que fica» — eis o ponto que mais foi atacado. Tal como então, nesta data continuamos a perfilhar a mesma opinião. Entendemos que a palavra não poderá nunca — para ser válida — andar desligada da acção. Ambas se complementarizam formando um todo em que os elementos individuais se não distinguem. Todo o teor do tal artigo se referia a casos particulares de «vida vivida e sentida», em que só se ouvem palavras bonitas e quase nada se faz para as pôr em prática. Por isso não deixamos de dizer que apreciamos muito mais um homem calado, mas

que não regateia nem energias nem esforços, do que um que se limita, «cheio de veia», à palavras estrondosas e escritos emocionantes. Toda a palavra que não seja lançada na prática, é como árvore sem raízes. E árvore assim poderá alguma vez dar rebentos e frutos?!

Não desprezamos a palavra fluente, sabedora, amadurecida e consciente. Nós defendemo-la, como defendemos e aplaudimos todos esses grandes homens que ficaram e continuam a ficar na História como excepcionais oradores, pensadores e literatos. Partilhamos igualmente de idêntico sentir de quantos discursos, quantas conferências, quantos debates, quantas promessas que não fiquem pelo ar, para «inglês ver» somente. Quantas interrogações não se põem, quanto mal estar não existe por se fazer tanto uso indevido do sublime dom da eloquência?! Os Pobres, os Oprimidos, os Indefesos, em muita coisa não crêem já porque lhes encheram a cabeça e a alma de tantas e tão renovadas promessas que, depois, quando as cadeiras ficaram vazias e as salas sem ninguém, se arquivaram na prateleira do esquecimento. Por isso, mais vale um homem calado e que actue, que um homem que diga e não faça! Nesta ordem destacamos a acção e relegamos para segundo plano a palavra! É assim que entoamos mais uma vez: «Palavras leva-as o vento; o que fica é a acção!» Obras e esforço, querem-se muitos... Palavras e eloquência, querem-se muitas também, mas daquelas que o esforço e as obras complementarizam.

Rogério



RETALHOS DE VIDA



O Sabino

Sou natural de Leiria, onde nasci a 12 de Janeiro de 1960. Somos três irmãos. Duas meninas e eu.

Vim para esta Casa, porque meu pai era mau para nós e tivemos que fugir para outra terra.

Já estivemos à porta da morte, com o nosso pai com um machado a rachar a porta do nosso quarto e a dizer palavras, o qual tudo ajuda à morte...

Nessa vez, quando íamos morrer, tinha eu cerca de 5 anos.

Mais tarde nosso pai terá o castigo pela maldade que nos fez.

Também não me importo de meu pai. De minha mãe sim, porque a ela lhe devo a vida.

Pois eu nesta Casa tenho um pai e irmãos, e já não preciso do outro.

Uma irmã está em Caranguejeira (Leiria), e a outra está em Alferragide (Lisboa) e eu estou na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Sou encarregado da limpeza do primeiro andar da Tipografia. Cá em Casa os dois meus maiores amigos são: o «Manuel da Senhora» e o Elísio.

Termino esta minha crónica, que aliás é a primeira, e despeço-me com um abraço para todos os Leitores, deste grande amigo

Sabino Nunes Rodrigues Romeiro

AREIAS DO CAVACO

Quadros da nossa vida — O Sr. Eduardo vai construir uma casa nova.

É pedreiro e pai de 9 filhos. Têm vivido em promiscuidade, até agora, numa barraca de pequenas dimensões. Chegou a hora de realizar o sonho da sua vida — ter uma casa suficientemente dimensionada, com um quarto para os pais, outro para os filhos e outro para as filhas; mais uma cozinha. O sonho do Sr. Eduardo, que, todos os dias, passa à nossa porta para o trabalho, é o nosso sonho também, de há muito tempo. Que espectáculo lindo não seria ver as Aldeias dos nativos com casas feitas de materiais definitivos, onde entrasse a luz e o ar, com divisões suficientes, a seu gosto, que «prendessem» as pessoas. É um problema muito grave o problema da habitação. As epidemias encontram campo propício para se instalarem por falta de condições humanas mínimas. É a cólera, é a febre amarela e muitas outras doenças que vão fazendo suas vítimas.

Porque não encarar com decisão, como é costume fazer-se, perante situações alarmantes, o problema da habitação? A falta de dinheiro é uma das razões. A falta de

meios materiais tem sido e será uma das razões, a nível oficial, para se não andar tão depressa quanto devia ser. Mas vão-se gastando milhares a remediar males, quando deveriam ser gastos a prevenir.

Aqui e além vão surgindo iniciativas interessantes. É a operação Alto Liro, no Lobito, para resolver o «Caso» das barracas da Canata e outros, espalhados à volta da cidade. O Estado e entidades particulares deram-se as mãos e surgiu uma obra de grande dimensão. Não sabemos até que ponto foi pedida a colaboração dos beneficiários neste trabalho. Ela é indispensável, como é indispensável a presença de alguém que ajude até ao fim, no meio daquela gente. Se tal não acontecer, aquelas casas de tijolo, arejadas, transformar-se-ão em barracas. Não podemos esquecer os anos passados na imundície, na falta de higiene, de limpeza, na ausência do mínimo de condições humanas em que viveu aquele povo.

É a hora das assistentes sociais, das educadoras e de todos os grupos interessados na promoção social. Quem beneficia? A sociedade.

Mas voltemos ao Sr. Eduardo. Vai ter uma casa sua. É ele que a vai construir. Fez o desenho. Pôs o seu gosto. Vai pedir aos seus companheiros de trabalho que o ajudem. Depois, ele os ajudará também, quando construírem a sua.

O Sr. Eduardo não tem dinheiro. O único capital que tem é a sua saúde; são os seus braços; é o seu engenho; são os 9 filhos e a mulher; e tem um grande desejo de ter a sua casa. E é muito. É o indispensável. O resto virá. Já lá tem o tijolo, a areia e o cimento. Aos sábados de tarde e domingos de manhã quem o quiser encontrar não vá à loja, mas ao lugar onde vai fazer a sua casa. Esta colaboração é necessária. Há dias fui encontrar o nosso camião junto da casa do Sr. Eduardo a descarregar tijolo. Quem eram os operários? Um grupo de 12 rapazes dos nossos mais pequeninos. Que quadro lindo da nossa vida!

Venda de «O Gaiato» — Continua animadora. Vejam o testemunho de um vendedor:

«Quando entrei na venda do jornal «O Gaiato», nunca pensei encontrar tanto coração generoso e amável para conosco; gente que nos quer bem.

Comecei a vender jornais com 11 anos e hoje conto já quase 17 anos. Quando comecei, achava a venda cansativa; era ainda pequeno e vendia com um colega já crescido. De vez em quando, sentia uma vontade louca de me sentar... mas, não podia, pois tinha de acompanhar o meu colega e de vender os jornais que me eram confiados. Ao princípio vendia aos

sábados e aos domingos, mas hoje como sou estudante é-me impossível vender aos sábados; vendo somente aos domingos. Hoje já sou crescido e com vendedores à minha responsabilidade.

Na venda temos os nossos fregueses aos quais nos sentimos mais unidos. Com que ternura vejo surgir deles todo o esforço para que a nossa Obra continue sempre.

Quando já se tem 17 anos, a idade máxima de um vendedor na venda de «O Gaiato», tem-se como prémio um relógio.

Nós gostamos dele, porque nos sentimos com pleno direito a ele. É uma lembrança simples mas eficaz; um simples objecto que nos faz lembrar um passado cheio de bondade. Como não havemos nós de o amar, se ele é a mais viva expressão do nosso passado?

Santos Silva»

Do que nós necessitamos — Há dias pessoa amiga veio ter connosco e quis compartilhar do seu pão de cada dia. Abriu a carteira e deixou ficar 7 notas de mil. Um grupo de 5 empregados da Lello, do Lobito, veio com 100\$; três anónimos com 220\$; de oito funcionários da Alfândega do Lobito 1.380\$; de funcionários da Cosema 480\$; de Maquela do Zombo, 200\$; de pessoa muito amiga, pelas mãos de nossos vendedores, 100\$, mais 100\$; de um grupo de amigos da Lupral 332\$50; do Cubal, 500\$; de Moçamedes, 100\$; da Catumbela, 200\$; em acção de graças, 5.000\$; mais 150\$ da Catumbela. A todos o nosso obrigado.

P.e Manuel António

Este cantinho do Jornal é uma delícia! Queríamos não omitir cartas ou legendas expressivas; queríamos assinalar tudo de

Novos Leitores de «O Gaiato»

todos. Mas não conseguimos — pela abundância. Graças a Deus!

● UM ALVITRE

Aí tendes um peregrino, do Porto:

«Depois de uns largos meses de silêncio, eis que o «Bancário» volta com alegria no coração trazendo mais três novos amigos — e assinantes. São três colegas novos que entraram para o Banco... aqui no Porto. E quero cumprir a promessa que fiz, de ter o Banco todo vosso amigo. Não perdi tempo com estes novos e, se Deus quiser, outros se seguirão.

Quanto ao compromisso do Jornal, eu tomo inteira respon-

sabilidade, não vos dou preocupações; no fim do ano recolho as lembranças dos vinte e tal amigos e chegarão às vossas mãos — com a minha amizade.

Como seria fantástico se em todos os Bancos houvesse quem se lembrasse de uma campanha de novos assinantes de «O Gaia-

Novos Leitores de «O Gaiato»

to!» Lançai o grito de alarme no nosso Jornal.»

● METRÓPOLE

Agora, vamos indicar, sucintamente, os locais de novos assinantes — inscritos durante o mês:

Baixa da Banheira, Setúbal, Anta (Espinho) e Elvas. Arrentela, «concretiza um desejo de há muito». Mais Vilar do Pinheiro, Gafanha da Nazaré, Mem Martins (Sintra) e Entroncamento. Aí vai Fânzeres (Gondomar): «Tenho uma colega que ao saber de «O Gaiato» me pediu se vos mandava o nome dela para ser assinante e amiga. Como vedes, «O Gaiato» é muito admirado por todos nós».

e coisas afins, encontra-se a receber o telhado. Como se trata de obra menos exigente no que diz respeito a acabamentos, temos para data próxima a sua finalização. Entre mãos, já com os caboucos da parte coberta prontos, está o Parque Infantil em construção, cujo custo total deverá andar pelos 60 ou 70 milhares de escudos, numa estimativa sobre o Joelho e talvez por defeito. Na nossa secretária, entretanto, os projectos de duas casas de habitação, de um só piso, que completarão o conjunto residencial da Aldeia, comportando cerca de 60 Rapazes. Com os preços da mão de obra e dos materiais a subirem a cada instante não será ousadia calcularmos serem precisos 1.000 a 1.200 contos para o efeito. Deixamos para outra oportunidade falar de vários sonhos, aliás legítimos e indispensáveis de concretizar, como o de possuímos salas de convívio e de um pavilhão polivalente para a prática de jogos e de ginástica.

Paulatinamente mas confiantes vamos caminhando. Acreditamos em Deus e nos Homens. Oferecendo o que temos, a própria vida, damos-nos sem restrições. Se for necessário parar fá-lo-emos em humildade, assim o desejamos. O facho não pode apagar-se, todavia, e outros o tomarão em suas mãos.

Padre Luiz

Continuemos: Passa Rio Tinto, V. N. de Gaia, Murto, Carvalhos (Gaia), Madalena (Viana do Castelo), Ovar, Maia, Ponta Delgada e Lages (Açores).

Muitas dessas terras desfiliam em grupos de dois, três, quatro e mais.

Novos Leitores de «O Gaiato»

Um Operário tirsense, além além da carta e poema suculentos, manda quatro novos leitores de Caldas da Saúde, Santa Cristina do Souto e Santo Tirso.

Porto e Lisboa, a procissão do costume.

● ULTRAMAR

À nossa frente passa Luanda, Malanje, Lombe, Dondo, Lobito e Gabela. Boas notícias de Angola!

Moçambique, presenças amigas de Lourenço Marques e Quelimane.

Júlio Mendes

África

Cont. da PRIMEIRA página

Venho triste de Lourenço Marques. Temos quatro lindas e saudáveis salas de aula, que só a esmola anónima do Povo e um auxílio mais substancial de uma associação particular nos ajudaram a erguer. Temos os nossos Rapazes e mais de um cento de crianças das povoações vizinhas. Só não temos Professores. Senhoras de passagem, jovens imaturos, todos a preparar o salto para uma vida que mais lhes convenha; que saltam mesmo, mal lhes amanhece uma oportunidade.

Mestre, digno desse nome, só o Professor Salomão, um Professor de Posto preparado pelas Missões, estável, sacrificado, eficiente... mestre. Deus no-lo guarde e a Sua Sabedoria desperte outros Salomões, com menos preparação pedagógica, porventura, mas com a alma toda entregue à sua missão.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

